Duplo Elo

Clovis S. Machado

A meus pais, onde quer que estejam no tempo e no espaço,
por terem gerado o corpo que me conduz nesta maravilhosa viagem.

À Carmen, mulher que amo, por me acompanhar, me apoiar e
me amar na doce aventura, que é viver neste Planeta.

A meus filhos, Fernanda, Luciana e Alexandre, por tantos
ensinamentos.

UM

Humberto

Foi o primeiro a chegar no escritório, naquela segunda-feira que seria lembrada até o fim da sua vida. Era muito cedo, 6:52, a iluminação e o ar condicionado ainda não haviam sido ligados. Isso acontecia num horário programado, todos os dias úteis e automaticamente, por um comando do sistema de supervisão do prédio. Para ligar essas instalações, fora da programação, era necessário comandar a central do sistema por telefone, mediante o uso de uma senha e ele, na posição de gerente de área, estava autorizado a executar esse comando.

Teclou o número do ramal, inseriu a senha e a seguir, os números das opções desejadas, que uma mensagem gravada ia ditando. Num instante a iluminação foi ligada e, logo em seguida, pode ouvir o ruído do ar fluindo pelos difusores. Ligou seu computador e mais uma vez se sentiu maravilhado com os recursos que a tecnologia introduziu na vida das pessoas.

Costumava chegar cedo, todos os dias, mas aquele era um dia especial. As coisas que planejara fazer provocaram-lhe uma inquietação tão intensa que não conseguira dormir direito. As poucas horas de sono, que lograra conciliar, foram agitadas por sonhos que o acordavam a todo o momento. Talvez se sentisse mais descansado e tranquilo, se não tivesse insistido tanto em dormir. Apesar de tudo, agora estava calmo. Tinha plena consciência da gravidade daquilo que ia fazer, mas estava firmemente determinado a levar seu plano adiante, até o fim.

Enquanto o computador estava rodando o programa de inicialização, foi tomando algumas providências. Tinha que aproveitar o fato de ainda estar só. Colocou o telefone celular no modo silencioso, teclou um número de telefone e, sem apertar o “talk”, guardou-o na

gaveta. Tirou uma cápsula de gelatina do bolso do paletó, dessas usadas para medicamentos, e colocou-a ao lado do celular. Tirou, da pasta, algumas folhas impressas presas por um clipe. Na primeira página lia-se no cabeçalho: "Relatório Semanal". Colocou os papeis sobre a mesa e olhou para o monitor do computador. Já estava pronto e na tela bailava a mensagem enviada pela rede: "Hoje é dia de Reunião Semanal".

Abriu sua caixa de mensagens e começou a ler os "e-mails" que ainda não tinham sido abertos. Leu os que julgava serem interessantes e respondeu aos que deveriam ser respondidos. Deu uma olhada no canto direito, inferior, da tela: 7:27. A água da máquina de café já deveria estar no ponto. Foi até lá e preparou um café. Quando voltava encontrou com um funcionário, que entrava naquele momento. O pessoal já estava começando a chegar.

— Bom dia, Humberto — disse o recém-chegado. — Como foi o seu fim de semana?

— Bom dia, Paulão — respondeu Humberto, batendo de leve no ombro do outro. — Foi mais um fim de semana, igual à maioria deles. Sem novidades. Você parece bem, está queimado. Andou na praia?

— Que nada, rapaz. Praia de índio. Passei o fim de semana em Valinhos, no sítio do meu pai. Você sabe, o velho tem aquela paixão por cavalos e resolveu, ele mesmo, construir um redondel. Aquela arena onde treinam os potros. Bem, tive que dar uma ajuda para ele. Trabalhar embaixo do sol daquela região, não é brincadeira.

— É, eu sei. Mas, isso é bom, cansa o corpo e, em compensação, descansa a cabeça. Seu pai vai se dedicar à criação de cavalos?

— Sim, vai. Já comprou um casal de potros e vai transformar aquele sítio, num haras. Filiou-se a uma associação de criadores de Manga-larga e está muito entusiasmado com a ideia.

— Que ótimo. Também gosto de cavalos e faz parte dos meus planos me dedicar à criação deles quando me aposentar.

— Vamos para lá nesse próximo fim de semana. Você aceita nos acompanhar? Leve a família.

— Obrigado pelo convite. Eu levaria somente Lara. Os rapazes têm os programas deles, não nos acompanham mais nesses passeios prolongados. Vou combinar com ela, amanhã lhe dou a resposta. Não esqueça que hoje é dia de reunião de planejamento, preciso do relatório do seu setor, aliás, falta só o seu.

— Não esqueci. Já tenho uma cópia impressa, que preparei para você. Deixe-me acabar de chegar que já lhe entrego.

— Mande-me, também, uma cópia do arquivo.

— Perfeito.

Separam-se e cada um se dirigiu para sua mesa. Eram instalações modernas, dessas que cada funcionário fica num módulo cercado por divisórias de um metro e meio de altura, em três dos quatro lados do módulo. Dessa forma, para enxergar outro colega era necessário ficar em pé, pois o único lado sem divisória ficava voltado para um corredor de circulação. No módulo de Humberto, defronte a esse lado, ficava o recorte onde estava a recepção do andar. Era o lugar ocupado por Virgínia, que, no início, secretariava os dois gerentes de área e cuidava da recepção, depois foi mostrando seu potencial de trabalho e recebendo novas atribuições, até chegar a ser responsável por uma área nova, que a empresa criou para um melhor atendimento aos clientes. Para Humberto, quando não estava trabalhando no computador, que o obrigava a ficar de costas para ela, era suficiente virar um pouco a cabeça para a direita para vê-la a pouco mais de três metros de distância.

Resolveu ir até à mesa de Paulo Junqueira, se ele viesse trazer o relatório poderia ficar conversando e atrapalhar o andamento dos seus planos.

— Por favor, Paulão, o relatório. Quero lê-lo antes da reunião, para ficar inteirado do conteúdo.

— Claro. Aqui está.

Humberto voltou para sua mesa. Estava concentrado na leitura do relatório, quando teve sua atenção desviada para um perfume, inconfundível que penetrou por suas narinas. Seu corpo reagiu, imediatamente, antecipando-se ao que estava por acontecer. Foi envolvido por uma sensação de calor. O ritmo cardíaco aumentou, fazendo latejarem as têmporas. As mãos começaram a tremer — largou o papel para não tornar isso visível. — Sentiu uma mão pousando de leve no seu ombro esquerdo, enquanto uma outra acariciava delicadamente seu braço direito. O perfume aumentou de intensidade quando ouviu uma voz, bem próxima do seu ouvido:

— Bom dia Humberto. Dois dias longe de você me encheram de saudade.

— Bom dia Virgínia — respondeu ele, com seriedade, afastando-se levemente dela e erguendo um pouco a face para olhá-la.

Ela, percebendo o embaraço dele, riu baixinho, com ar de deboche e se encaminhou para sua mesa, naquele andar ondulante, cheio de sensualidade, que costumava chamar a atenção do público masculino.

"Não vou olhar, não vou olhar" — pensou Humberto. Mas, mesmo assim ergueu somente os olhos, enganando a si mesmo, em direção às nádegas dela e desceu pelas coxas que a saia curta deixava à mostra uma boa parte delas. Ela espiou por cima do ombro, surpreendendo a atitude dele e riu novamente. Dessa vez, um pouco mais alto, deixando-o propositadamente constrangido.

Passados alguns minutos Virgínia, como fazia diariamente, foi até a máquina de café buscar um copo com água quente para preparar seu chá.

"Pronto. Vai começar" — pensou Humberto.

Ficou observando, disfarçadamente, ela voltar, colocar o copo ao lado do computador e pegar o saquinho de chá de uma caixa, dentro de uma das gavetas de sua mesa. Quando ela girou a cadeira para a direita, para mergulhar o chá na água, Humberto abriu sua gaveta e pegou a cápsula. Destacou uma das metades da mesma, tendo o cuidado de manter a outra metade em pé para não derramar o conteúdo. Ergueu-se, pondo-se em pé, e pegou os papéis que estavam presos pelo clipe, de modo que ocultassem a cápsula que estava entre os dedos indicador e médio.

— Virginia. Posso usar o seu grampeador? O meu está sem grampos — disse ele, enquanto completava a ligação do celular, e fechando a gaveta se encaminhou para o lado onde ela havia posto o copo.

O telefone da mesa dela tocou. Ela voltou a girar a cadeira para a esquerda, enquanto alcançava o grampeador para ele, sem olhar.

— Global Consultoria, Virgínia, bom dia. — Alô... Alô...

Ele, sem perda de tempo despejou o pó da cápsula no copo, grampeou os papéis e deixou o grampeador ao lado do telefone.

— Alô — Esperou, durante alguns segundos, por uma resposta e acabou desligando.

Humberto, já em sua mesa, pegou o celular da gaveta e cancelou a ligação. Com sua agenda e os relatórios dos chefes de equipes debaixo do braço, avisou Virgínia:

— Estou indo para a reunião.

— Boa sorte, chefe.

Ele passou pelo sanitário, jogou as duas partes da cápsula na bacia sanitária e acionou a descarga, desfazendo-se delas sem deixar vestígios. Lavou as mãos e analisou cuidadosamente sua fisionomia refletida no espelho. Parecia não revelar nada.

"Será que as outras pessoas me veem da mesma forma que eu vejo esse cara do espelho? " — Pensou.

Indagações como essa, costumavam passar pela mente dele. Ocupavam seus pensamentos na elucubração de teorias filosóficas que ele guardava só para si. Não comentava com as demais pessoas, pois sabia que dificilmente alguém se concentraria num debate tão bizarro.

"Pode ser que, como ele sabe que o estou analisando, tenha adotado a fisionomia que eu gostaria de apresentar. Sim. O cara das fotos, que não sabe dissimular, apresenta sempre a mesma expressão, que me desagrada. As pessoas dizem: — Como você está bem nessa foto! — e eu não consigo achar a mesma coisa. Vejo um olhar de cansaço. A boca com os cantos caídos, aparentando tristeza. Outras vezes surpreendo uma expressão enigmática, uma meia careta, um olhar insano, uma passagem entre uma expressão e outra. É um instante congelado para sempre. É um cara morto, que nunca mudará em nada. — Sou eu. — O do espelho, muitas vezes, surpreendo com aparência jovial, alegre, até bonito. — É o que eu gostaria de ser sempre".

"Bem, tenho uma reunião para ir. Um dia ainda serei como você" — pensou, dando uma olhada final para o espelho e saindo do sanitário.

Subiu pela escada, os dois andares que o separavam do andar da diretoria, precisava ganhar tempo, não queria ser o primeiro a chegar na sala de reuniões e nem o último. Ambos são os mais notados e nesse dia ele não queria ficar em evidência, de forma alguma. Passou pela mesa da secretária da diretoria.

— Bom dia, Ro! — Cumprimentou, entregando a ela um bombom, como costumava fazer todas as segundas-feiras.

— Bom dia! Você sempre gentil. É o único que é capaz de anular a aridez deste trabalho, com sua simpatia.

— Para com isso, vai me fazer chorar. Como é que está a sala? — Perguntou apontando para a sala de reuniões, com o polegar.

— Já está quase todo o mundo aí, é melhor você entrar. Daqui a pouco o "homem" também vai entrar.

Meia hora, depois de ter iniciado a reunião, toca o telefone, ao lado do diretor. Ele atendeu prontamente, sabendo que deveria ser algo urgente, pois somente a secretária tinha condições de transferir ligações para lá e ela só faria isso em situações extremas.

— O que houve, Rosângela?

— Um fato lamentável, Dr. Santil. Coisa que só o senhor poderá resolver.

— Pode falar daí?

— Sim. Virgínia sentiu-se mal. Tontura e dificuldade para respirar. Foi levada para o ambulatório e agora, mais ou menos quinze minutos depois que a deixamos lá, a enfermeira ligou dizendo que ela morreu.

— Ave Maria! ... — Jairo já está lá?

Humberto podia imaginar as palavras que estavam vindo pelo telefone e não pode evitar uma sensação de alívio — "Está feito" — pensou.

— Não, ele só chega as 9:30.

— Localize-o e mande-o vir para cá, o mais urgente possível. Se for necessário ponha o helicóptero à disposição dele. Mande alguém do jurídico subir até a minha sala, agora.

Desligou o telefone.

— Senhores, vamos ter que suspender a reunião para atender uma emergência. Humberto e Garcia venham comigo, isto diz respeito às áreas de vocês.

Ao passarem pela secretária, Humberto pode notar que ela não conseguia esconder o nervosismo. O diretor foi logo instruindo:

— Rosângela, não deixe ninguém entrar, só passe ligação se for do Jairo, nenhuma mais. Conseguiu localizá-lo?

— Sim, dentro de poucos minutos estará aqui. A enfermeira já havia falado com ele. Ele imediatamente tomou algumas providências,

como prescrever medicação de emergência, acionar o resgate e suspender tudo o que estava fazendo para vir para cá. Rodrigo já está subindo, conforme o Senhor Pediu.

Nesse momento, sai do elevador Rodrigo, o gerente do departamento jurídico, e se junta a eles. Entram na sala e fecham a porta.

— Senhores. Temos uma bomba nas mãos. Virgínia, do setor de desenvolvimento, acaba de morrer, aqui dentro da empresa.

— O que? — Perguntaram muito surpresos, quase ao mesmo tempo, Humberto e Garcia.

— Como foi isso? — Perguntou Humberto.

— Sei muito pouco. Parece que ela começou a sentir-se mal, foi levada para o ambulatório e lá, quinze minutos depois, morreu.

— Mas ela parecia estar tão bem, hoje cedo — disse Garcia.

— Exatamente, meu caro — atalhou Santil, um pouco irritado. — É só isso que é necessário: para ficar doente, estar bem; para morrer, estar vivo. Bem! Vamos ser objetivos. Dentro de poucos minutos Jairo, o médico, deve estar aqui. Antes, no entanto, Rodrigo poderá nos informar quais as atitudes que deveremos tomar para não passarmos por cima de nenhuma lei e também não criarmos futuras dificuldades.

— A melhor solução é comunicar o ocorrido à polícia — aconselhou Rodrigo. — Eles se encarregarão de tirar o corpo daqui e levá-lo para o IML. Daí para diante é tudo por conta deles.

— A polícia? Eles vão querer fuçar por aqui, fazendo perguntas, parando todo o mundo e, logo-logo estará nos jornais.

— Esse corpo tem que ser sepultado. Essa morte precisa ser documentada com atestado de óbito. Se assumirmos a responsabilidade de levar o corpo para o IML e o resultado da autópsia não for morte natural, eles notificam à polícia e aí, pode até ser pior,

pois o fato de não termos registrado a ocorrência pode ser motivo de suspeita.

— E se for morte natural?

— Nesse caso, legalmente, não há nenhum problema. E quem pode garantir que foi morte natural? Não sabemos se ela usava drogas, ou se tinha tendência para o suicídio. A polícia considera essas causas como violentas. Não são casos de morte natural. Ainda resta saber quem se responsabilizará pelo sepultamento. O IML vai querer devolver o corpo para nós.

— Ela deve ter algum parente. Alguém que se encarregue disso.

— E que também pode ser alguém que venha exigir coisas da empresa — interveio Humberto.

— Muito bem — aprovou Santil. — Esse é outro ponto que o jurídico deverá colocar muita atenção.

Santil viu através da vidraça de sua sala que Jairo saía do elevador e imediatamente fez sinal a ele, chamando-o.

— Ô Jairo, ainda bem que você chegou rápido — disse Santil. — O que você pode nos adiantar?

— Quando levaram a moça para o ambulatório, Mabel, a enfermeira, me ligou. Eu estava no hospital visitando meus clientes. Mandei que ela ministrasse um bronco-dilatador, para tentar melhorar a respiração, imediatamente chamei o Resgate e me encaminhei para cá. O Resgate já deve estar chegando.

— Você arrisca um palpite? — Perguntou Santil.

— Os sintomas são de envenenamento, mas para se ter certeza só com autópsia e isso é com o IML.

— E então?...

— Então, eu aconselho chamar a polícia. Esse assunto vai acabar mesmo na mão deles. Mas, acho que é melhor seguir os conselhos do seu Departamento Jurídico — disse Jairo, apontando para Rodrigo.

— Muito bem. Alguém tem alguma coisa para acrescentar? — Perguntou Santil, inquirindo cada um com um olhar. — Então está certo. Rodrigo, você se encarrega disso?

— Agora mesmo. Posso ligar do seu telefone?

— Fique à vontade.

Rodrigo discou ramal do Departamento Jurídico.

— Mauricio? Por favor, pega a agenda, encima da minha mesa e traz aqui na sala do Doutor Santil — pausa — Obrigado.

Tão logo Rodrigo desligou o telefone, o celular de Jairo começou a chamar. Ele olhou para o display e viu que era do ambulatório.

— Pode falar Mabel — atendeu ele.

— Doutor, o resgate está aqui. O que é que eu faço.

— Peça para esperarem, eu estou aqui na empresa. Já vou descer aí — e voltando-se para Santil. — O resgate está aí, vou descer lá para falar com eles. Apressem-se com a polícia.

Quando chegou sua agenda, Rodrigo ligou para um colega de faculdade, muito seu amigo, que era delegado de polícia. Enquanto ele tratava disso, todos se puseram em silêncio, no aguardo do desenrolar dos acontecimentos.

Humberto fez uma breve introspecção, buscando no fundo do seu íntimo alguma ponta de temor, remorso, ou qualquer outro sinal causado por um possível sentimento de culpa. Porém nada encontrou. Estava limpo, calmo, plenamente justificado. Fizera o que tinha que fazer e, se não fosse ele, qualquer um outro o faria, mais dia, menos dia. Ou até: "Alguém já deveria ter feito isso há muito tempo". Não sabia até quando poderia se sentir assim, mas nesse momento essa era a sua realidade.

DOIS

A Polícia

Quando Rodrigo ligou da sala de Santil para o seu amigo, Delegado de Polícia, relatou o caso de forma resumida para não perder muito tempo.

— Em que região da cidade você está, Rodrigo? — Perguntou-lhe o delegado.

— Estamos aqui na Berrini, um pouco antes da Av. Águas Espraiadas.

— Você está fora do meu Distrito, mas não se preocupe. Você se lembra do Dirceu Castanha? Ele é o delegado dessa região.

— Lembro sim. Como faço para localizá-lo?

— Pode deixar. Eu me encarrego disso. Num instante ele estará aí.

— Ótimo, muito obrigado amigão.

— Isso não é nada, rapaz. Acho bom vocês tomarem algumas providências. Cancelem qualquer visita de cliente, é melhor até fecharem a firma por hoje. Não vai ser muito agradável se algum cliente topar com a polícia transitando por aí, fazendo perguntas e transportando cadáveres. "Ta bom? " Agora me deixa achar o Castanha, não vamos perder tempo. "Tchau".

Vinte minutos depois já estavam chegando lá: um carro com o Delegado Castanha acompanhado por um investigador, um fotógrafo e um perito criminal; um carro patrulha com três policiais; um camburão para transportar o corpo até o IML.

O encarregado da segurança encaminhou os veículos para o subsolo e lá já estava Rodrigo, aguardando para cumprimentar Castanha. Este desceu do carro dando ordens:

— Vocês aguardem aqui — falou para os policiais. — Manterei contato pelo rádio. Os demais venham comigo. Peguem a maca.

Voltando-se para Rodrigo, saudou cheio de alegria:

— Rodrigo, velho amigo! Como está você?

— É... Estou bem. Mas que situação mais esdrúxula para um reencontro de velhos amigos. Hein?

— Não ligue muito para isso. Ou melhor, eu não ligo. Já faz parte do meu dia-a-dia. Mas, vamos lá ver isso.

Castanha colocou o braço sobre os ombros de Rodrigo e foram para o ambulatório, conversando, recordando os tempos de escola. Durante o trajeto, Rodrigo, por vezes, tinha sua atenção desviada da conversa, pela pressão que o volume do revólver de Castanha fazia no seu braço. Isso o incomodava um pouco. Pensou em como acertara quando foi firme com seu pai, recusando-se a se inscrever no concurso para delegado. Não conseguia ter intimidade com qualquer tipo de violência.

Quando chegaram ao ambulatório encontraram Jairo, que já havia preparado um boletim com os pareceres médicos.

— Castanha, este é o Dr. Jairo, o médico responsável pelo ambulatório da empresa. Jairo, o Dr. Castanha, delegado deste distrito policial.

Castanha apertou forte a mão de Jairo.

— Se não se importa, vamos deixar de lado os Dr's. fica bom assim Jairo?

— Sem dúvida, Castanha.

— Bem. O que é que temos aqui?

— No início do expediente a funcionária sentiu-se mal, foi trazida para cá e a cerca de uma hora morreu. Aqui tem um boletim com detalhes das providências que foram tomadas e descrição da evolução dos sintomas.

— Vou querer uma cópia desse boletim.

— Pode ficar com essa. Eu tenho o original arquivado na rede, em meio eletrônico.

— Puxa! Que coisa técnica. Esqueci que o "*metier*" de vocês é ensinar organização. Lá na polícia ainda estamos na era da datilografia e do papel carbono — e batendo uma mão na outra. — Podemos ver a moça?

— Por favor, venham.

Encaminharam-se para a enfermaria. Jairo correu a cortina de um dos boxes e eles puderam ver um corpo coberto com um lençol verde claro. Castanha aproximou-se do corpo e baixando o lençol descobriu o belo rosto de Virgínia que agora, já mostrando a rigidez e a coloração da morte, assemelhava-se a uma estátua de pedra sabão.

— Mostre-me o local de trabalho dela — disse Castanha para Rodrigo. — e vocês se encarreguem de registrar tudo e remover o corpo para o IML — falou para o perito e o fotógrafo. — Você vem comigo — disse para o investigador. — Podemos ir, Rodrigo?

— Sim, vamos. Mas, vou fazer o seguinte: vou levar vocês até o departamento de Recursos Humanos. Provavelmente lá vocês obtenham outras informações e depois seja determinado alguém para ficar à disposição de vocês.

— Ótimo! Muito bem pensado.

— Antes de irem embora, avisem. Eu estarei no ramal 1748.

Quando Rodrigo apresentou os policiais, ao Oliveira, gerente do RH, este ficou surpreso pela presença da polícia. Só então Rodrigo deu-se conta de que ninguém mais, na empresa, tinha conhecimento do caso. Teve que fazer um relato detalhado do ocorrido. Observou que o investigador o acompanhava, fazendo anotações num caderninho de bolso.

— Acho que devemos fechar a firma, por hoje, e cancelar todas as reuniões com clientes, que seriam feitas aqui — disse Oliveira.

— Isso já foi providenciado.

— Muito bem. Precisamos também fazer uma comunicação geral. A presença da polícia vai despertar curiosidade e ninguém mais vai trabalhar direito.

— Você se encarrega disso, Oliveira?

— Sim. Isso é da minha área.

— Então, estou passando a bola para você. Boa sorte — despediu-se dos policiais e saiu.

— Me deem só um minutinho, preciso tratar com o Diretor sobre o comunicado — disse Oliveira para o Delegado.

— Perfeitamente. Fique à vontade.

Oliveira discou o ramal da diretoria.

— Ro, o Santil está livre?

No outro lado da ligação, Rosangela olhou, através do vidro, para a sala do diretor.

— Está, Oliveira. Estou passando a ligação.

— Santil? Oliveira. Fiquei sabendo agora mesmo sobre o que aconteceu com Virgínia. Estou com um delegado e um investigador aqui na minha frente. Não é melhor jogarmos na rede um comunicado geral? Acho que se o pessoal for comunicado oficialmente sobre o caso, evitamos uma série de fofocas.

— Muito bem! Vou redigir uma nota e pedir para a Rosângela colocar no correio eletrônico, enquanto você atende a polícia.

Oliveira desligou o telefone e se dirigiu a Castanha.

— Por onde querem começar?

— Pode ser pela ficha dela — respondeu Castanha.

Oliveira pediu, a um dos funcionários do setor, que trouxesse a ficha de Virgínia.

— Ela mora com alguém? — Perguntou Castanha.

— Não, ela mora sozinha e me parece que não declarou ter qualquer parente.

— Isso é problema. Temos que entregar o corpo para alguém.

— Mas ela não vai ficar no IML para fazer autópsia?

— Vai para lá agora. O corpo é examinado externamente, o exame é documentado com fotos, as vísceras são retiradas, o corpo é fechado. Amanhã já pode ser liberado para o sepultamento. O resultado do exame das vísceras sai em três ou quatro dias. Esse é o resultado oficial da autópsia.

— E se não for localizado nenhum parente, o que é feito com o corpo?

— Fica lá na geladeira, até um juiz autorizar o sepultamento. É um enterro comum, o mais simples possível, é o tal de "enterro de indigente", como se isso fosse uma coisa muito ruim para o cadáver. Mas, você sabe: morreu, ta morto. Não vai fazer diferença nenhuma se enterra ou não enterra.

— Olha, aí vem a pasta dela.

Oliveira pegou a pasta que um rapaz trouxe e abriu, sobre a mesa, com os documentos na posição adequada para o delegado ler. O primeiro documento era a ficha de admissão, o segundo era o contrato de trabalho, depois vinha uma espécie de cadastro, com informações pessoais e por último o currículo profissional.

— Virgínia Marinetti Salero, - 35 anos — Castanha foi lendo em voz alta. — Alameda dos Arapanés. Fica em Moema, não é?

— Sim — concordou Oliveira.

— O currículo... Hummm! Estados Unidos? Importante..., mas, e antes? Vocês não se interessam pela vida profissional, desde o início?

— Hoje em dia é comum um currículo reduzido. Uma folha, duas no máximo, e apresenta-se só o que é relevante para comprovar experiência. Não é necessário relatar toda a vida profissional.

— Entendo. Você pode me fornecer uma cópia desses documentos?

— Sim, sem dúvida. Já vou mandar fazer.

Chamou, pelo telefone, um de seus auxiliares e mandou providenciar as cópias e fazer um recibo de entrega para o delegado assinar.

— Vai precisar de mais alguma coisa? — Perguntou Oliveira.

— Sim, quero ver as gavetas e a bolsa dela. Seria bom que uma mulher me acompanhasse. Você sabe, é preciso relacionar as coisas que estaremos levando e pode haver algum objeto que só uma mulher sabe o nome correto. Também preciso falar com alguém que tenha testemunhado o caso desde quando ela começou a se sentir mal.

Oliveira ligou novamente para Rosângela para ver se ela sabia quem poderia atender o delegado. Ficou sabendo que ela acompanhara o caso desde o início e, portanto, era a pessoa mais indicada.

— A pessoa que poderá acompanhá-lo é a secretária do Diretor.

— Gostaria de falar com ele também, pode ser?

— Vamos lá e já veremos se ele poderá recebê-lo. Vai querer fazer mais alguma investigação?

— No momento não estamos investigando nada. Estamos só coletando informações. Como se trata de uma morte que pode se configurar como "não natural", levaremos também os objetos de uso pessoal. Podem conter algum indício que auxilie numa possível investigação futura.

— Você arrisca algum palpite?

— Não. É muito difícil saber, sem uma investigação, se foi suicídio, acidente, crime ou overdose de alguma droga.

Uma moça loira entra na sala, trazendo a pasta com os documentos de Virgínia, as cópias e um termo de recebimento em duas vias. Castanha conferiu tudo, assinou o termo e levantou-se.

— Podemos ir? — Perguntou a Oliveira, enquanto entregava os papéis ao investigador.

— Sim. — e voltando-se para a moça que trouxera os documentos. — Arquive tudo isso. Se me procurarem, estarei lá na Diretoria.

— Ro, estes senhores são da polícia, o delegado Castanha e o investigador Mendonça. Esta é Rosângela, secretária da Diretoria — foi dizendo Oliveira, assim que chegaram.

Seguiram-se os cumprimentos de praxe e Oliveira continuou.

— O delegado quer que você o conduza até a mesa de Virgínia e também quer falar com Santil. A bolsa de Virgínia está lá, ou você a guardou em algum lugar?

— Continua lá, no lugar onde ela deixou. Vou anunciá-los para o Dr. Santil e depois cuidamos do resto. Pode ser assim?

— Como achar melhor — respondeu Castanha.

— Bom! Eu os deixo com Rosângela. Se precisar alguma coisa mais, sabe onde me encontrar.

— Obrigado!

Oliveira saiu, enquanto Rosângela foi até a sala de Santil anunciar os visitantes.

— Os senhores podem entrar — disse Rosângela, indicando-lhes a porta aberta.

Santil já os aguardava, em pé, por detrás de sua mesa.

— Bom dia senhores. Meu nome e Olavo Santil e sou o Diretor Técnico desta empresa.

— Bom dia! Eu sou Dirceu Castanha, delegado do Distrito Policial desta região e este é o investigador Jaime Mendonça.

— Agradeço o seu empenho em vir nos ajudar nessa tarefa tão nefasta. Rodrigo me avisou que, normalmente, um delegado não faz isso que o senhor está fazendo. Confesso minha total ignorância sobre os procedimentos aplicáveis a essas ocasiões, por isso lhe pergunto: de que forma poderemos ajudar para facilitar o seu trabalho?

— Não temos muito que fazer, por hoje. Já peguei uma cópia dos documentos de admissão da moça. Agora quero ver o que ela tem

nas gavetas e na bolsa. Provavelmente levaremos tudo, inclusive a bolsa, antes que possíveis provas possam ser contaminadas pelo manuseio de outras pessoas. O que ainda será necessário, hoje, é que alguém que possa representar a empresa vá até a Delegacia, prestar depoimento. Temos que registrar a ocorrência.

— Pode ser um dos nossos advogados?

— Sim, é até melhor que seja um advogado.

— Nesse caso pedirei para Rodrigo ir. Deve ser agora, ou pode ser na parte de tarde?

— Pode ser no início da tarde. Ainda levaremos algum tempo aqui.

— Fiquem à vontade, podem dispor do espaço que precisarem, transitar livremente em toda a empresa e se necessitarem mais alguma coisa solicitem à Rosângela que ela os atenderá.

— Muito obrigado Dr. Santil. Foi um grande prazer conhecê-lo.

Despediram-se de Santil e acompanharam Rosângela.

— Essa moça, Virgínia, trabalhava há muito tempo aqui? — Perguntou Castanha, enquanto entravam no elevador, só para entabular uma conversa, pois já tinha visto a data de admissão no registro dela e até tinha uma cópia em sua pasta.

— Pouco mais que um ano — respondeu Rosângela.

— E você?

— Ah! Eu estou aqui há mais de dez anos.

— Tanto, assim?

— Sim, a maioria do pessoal que trabalha aqui vem e não encontra motivo para ir embora. É uma empresa muito boa, há muito incentivo aos funcionários. Somos tratados com muita consideração. Afinal somos as principais ferramentas da empresa e, além disso, os diretores são pessoas muito humanas.

Nesse ponto da conversa já estavam no lugar que Virgínia ocupava.

— Esta é a mesa dela, ou melhor, era — apontou Rosângela. — A bolsa dela está ali, ao lado do computador.

— Um momento, não toque em nada — advertiu Castanha vendo que Rosângela ensaiava um movimento para pegar a bolsa.

Mendonça abriu uma maleta e, de dentro de uma caixa de papelão, puxou seis luvas cirúrgicas e entregou quatro para Castanha.

— Sei que o esmalte das suas unhas poderá ficar danificado, mas sinto muito, vou pedir que use isto — disse Castanha, entregando uma luva para ela — por favor, use-a na mão esquerda. Você precisará da mão direita para tomar notas.

Castanha e Mendonça, também usando luvas, foram tirando os objetos das gavetas e colocando-os sobre a mesa.

— Ela costumava tomar chá, todos os dias? — Perguntou Castanha, examinando a caixa que ainda continha alguns saquinhos de chá.

— Sim — respondeu Rosângela, parando o que estava fazendo e ficando pensativa por alguns segundos — muitos funcionários fazem o mesmo. Quando chegam pela manhã, pegam água quente na máquina de café, preparam chá e o tomam com acompanhamento de torradas ou biscoitos.

— Então hoje ela já deveria ter tomado o chá, quando a levaram para o ambulatório — concluiu Mendonça. — Onde estaria o copo que ela usou?

— Há esta hora o lixo já foi recolhido — Respondeu Rosângela, consultando o relógio. — Vejam os cestos de lixo estão todos vazios. É tudo recolhido em sacos separados, papéis, plástico e lixo comum. Levam tudo para o subsolo.

— Isso quer dizer que é difícil localizar o copo que ela usou?

— Eu acho que é impossível, são vários sacos. Vão recolhendo em todos os andares e, além dos copos que cada um levou para sua

mesa, tem aqueles que são depositados no tambor ao lado de cada bebedouro. É uma quantidade muito grande de copos, tudo misturado.

— Mesmo assim, quero ver o local onde são depositados esses copos.

— Tudo bem. Depois eu os levo lá.

Continuaram a retirar os objetos das gavetas, enquanto Rosângela relacionava o conteúdo da bolsa. Retiraram as gavetas para verificar se havia alguma coisa caída por detrás das mesmas. Mendonça passou um pincel de pelos finos no interior das gavetas e recolheu, num saco plástico, os resíduos que havia nelas.

As coisas que julgaram desnecessário levarem voltaram para as gavetas. As demais foram relacionadas e acondicionadas em sacos plásticos transparentes.

Rosângela, usando o computador de Virgínia, fez a relação de tudo o que levariam e imprimiu em duas vias, uma delas, devidamente assinada pelo delegado, iria parar no arquivo do RH. Enquanto isso Castanha ligou para Rodrigo, avisando que já estava pronto para ir embora e o aguardava à tarde na delegacia, para prestar o depoimento.

Logo a seguir dirigiram-se para o subsolo, onde verificaram que seria impossível saber, no meio daquele monte de sacos com copos plásticos, qual seria aquele que foi usado por Virgínia poucas horas antes.

— Percebi que na relação do conteúdo da bolsa da moça é mencionado: documentos do carro. Ela costumava vir de carro para o trabalho? — Perguntou Castanha.

— Sim, ela vinha de carro todos os dias.

— E onde ela costumava estacionar?

— Aí encima, no térreo. Atrás do prédio há uma área para estacionamento dos carros de funcionários. Se o senhor quiser pode

falar com o rapaz que toma conta do estacionamento. Ele é que manobra os carros.

— Obrigado, iremos lá. Se a senhora quiser, pode subir. Nós também iremos embora depois de ver o carro.

Rosângela despediu-se dos dois policiais e se encaminhou para o elevador. Eles subiram pela escada, em direção ao térreo, contornaram o prédio e encontraram um rapaz magrela, com uma cara amarelada meio coberta por uma barba rala de uma semana. Ele estava secando um carro.

— Bom dia. Somos da polícia, delegado Castanha e investigador Mendonça. Seu nome é?...

— A-A-Alcides — gaguejou meio assustado o rapaz.

— Você costuma lavar os carros do pessoal?

— Si-sim. Mas, por que? Não posso? Olha Doutor, os homens deixaram... eu fico o dia inteiro aqui só para manobrar os carros... Assim eu ganho uns dinheirinhos a mais.

— Sossegue Alcides. Não temos nada com isso. Só queremos ver o carro da senhorita Virgínia.

— Ah! Puxa! Vou pegar a chave.

Correu até uma pequena sala e voltou rapidamente com um chaveiro na mão.

— Aqui está doutor. Mas que coisa foi acontecer, hein! Uma moça tão bonita...

— Qual é o carro dela? — Interrompeu Castanha.

— É aquele prata, lá no fundo, na fila encostada no muro.

— Aquele Pálio prata? — Perguntou Castanha apontando para um dos carros na direção indicada pelo rapaz.

— Não! É o Corolla, ao lado direito do pálio.

— Ah! O Corolla — repetiu Castanha olhando pela primeira vez para o chaveiro e em seguida para Mendonça, que lhe respondeu com uma expressão facial, característica para demonstrar surpresa.

Foram até o carro e examinaram tudo o que havia no porta luvas, na porta mala e nos bolsos das portas. Fecharam o carro.

— Nós vamos levar as chaves, por enquanto ninguém deve mexer nesse carro. Se alguém quiser alguma explicação, diga para procurarem a secretária da diretoria. Ela sabe como nos localizar.

— O que você acha disso? Uma funcionária que ganha um salário de R$ 2.500,00 encara sozinha todas as despesas para comer, morar, vestir-se, etc. tem condições de comprar e manter um carrão como aquele? — Comentou Castanha, enquanto desciam para o subsolo, para o local onde haviam deixado o carro.

Toda essa operação consumiu mais de uma hora, era quase onze e meia quando os policiais foram embora. Os funcionários saíram para o almoço e não voltariam à tarde. A empresa só retomaria o seu ritmo normal no dia seguinte.

TRÊS

Virgínia

Com um passaporte que comprovava seis anos e três meses de permanência nos Estados Unidos, sendo quase seis anos em Los Angeles e mais quatro meses em New York. Falando fluentemente, e com sotaque perfeito, o inglês o espanhol e o francês. Possuindo o certificado de conclusão do curso de "Office Administration" do East Los Angeles College, e um currículo admirável, não foi difícil colocar-se numa das maiores empresas de exportação e importação do Brasil.

Nessa empresa trabalhou quase dois anos, quando então se candidatou à vaga de secretária executiva do setor de desenvolvimento da Global, em busca de um salário mais alto. Não havia outra candidata que reunisse tantos atributos, portanto, a contratação dela foi plenamente justificada e, sobre o gerente do departamento de Recursos Humanos, não recaiu a desconfiança de tê-la contratado por não haver resistido aos outros atributos que ela possuía: aqueles que seriam notados ao primeiro olhar que se lançasse para ela.

Esse gerente era famoso por pretender encher a empresa com gente bonita. Não só as mulheres, com a escolha dos homens ele também tinha esse cuidado. É lógico que prevalecia a experiência profissional e a capacidade do candidato, mas, se não havia muita urgência em preencher uma determinada vaga ele sempre esperava que aparecessem outros pretendentes, até encontrar um que pudesse contribuir para manter, como ele costumava dizer, "a estética do ambiente". Na opinião dele a clientela se sentia mais confortável quando estava entre pessoas bonitas, discutia pouco sobre os valores dos contratos e voltava sempre. Da diretoria, constantemente vinha a recomendação de que não fossem tomadas atitudes discriminatórias, mas ele sempre conseguia apresentar uma justificativa indiscutível para a contratação das beldades.

A contratação de Virgínia não deixava dúvida nenhuma quanto ao critério de seleção. Normalmente são necessários alguns dias para um funcionário novo se encaixar na rotina da empresa e começar a trabalhar com desembaraço, sem precisar fazer perguntas aos colegas mais antigos. Com Virgínia não aconteceu dessa maneira. Antes do fim do primeiro dia já estava plenamente ambientada e capaz de trabalhar a vontade, como se estivesse ali há uma semana. Bastaram algumas horas para memorizar tudo o que era necessário para o desempenho de suas funções: os diretórios da rede corporativa, onde eram arquivados os documentos em elaboração, os aprovados, os referentes a contratos concluídos, mais os padrões e procedimentos; o manejo do programa utilizado para gerenciar a elaboração e arquivamento de documentos e, o que é mais incrível, já havia memorizado os nomes, sobrenomes e funções de todos os funcionários que trabalhavam nos duas gerências do setor.

Todo esse prodígio era possível porque ela possuía, o que se costuma chamar, uma "memória fotográfica", que passou a ser amplamente explorada nas reuniões com cliente, nas quais não era permitido o uso de gravadores. Assim que acabava a reunião ela fazia um registro de tudo o que tinha sido falado e não constava na ata, palavra por palavra. Essa prática garantiu a conquista de muitos pontos, na busca do objetivo principal de uma empresa: a satisfação total dos clientes.

Além de se mostrar uma profissional eficiente, era possuidora de uma beleza física estonteante. Pele morena, clara; cabelos castanhos, levemente ondulados; olhos que não deixavam de chamar a atenção de qualquer mortal, era o esquerdo, azul esverdeado e o direito azul quase violeta. Esses detalhes aliados a um corpo escultural, com um metro e setenta e cinco de altura, com medidas bem proporcionadas, pernas

alongadas e muitas bem torneadas, faziam dela uma atração para o elemento masculino.

Ela acreditava que num ambiente como aquele, onde trabalhavam tantos homens, poderia encontrar, pelo menos, quatro tipos diferentes de comportamento que costumava classificar da seguinte forma:

Galãs. "Os que se enchem de charme, se tornam misteriosos e fazem ataques insistentes até conquistarem a presa". Com esses ela não queria nada. Costumam ser inconstantes. Tão logo aparece outra, já estão atrás de uma nova conquista. Esses são bons para casos passageiros, arranca-se deles uma viagem, um bom presente, talvez uma joia e dificilmente passa disso.

Festeiros. "Aqueles que olham ostensivamente ficam com cara de quem vai ter um orgasmo e fazem comentários lúbricos com os que estão por perto, ou dizem piadinhas, como — gostoooosa! — quando estão sozinhos". Esses só fazem barulho, são como o cão que persegue um carro, latindo, querendo morder uma das rodas. Se dermos uma roda de carro para ele, certamente ficará olhando para ela, com um olhar estúpido, sem saber que fazer.

Reprimidos. "Os que não se acanham em lançar olhares cheios de desejos, como quem olha para uma fotografia de um modelo qualquer, dessas revistas masculinas, mas não falam nada, não comentam com os colegas e nem dizem piadinhas". Esses são os que optaram por serem fiéis às esposas e serão até o fim, mesmo tendo desejos secretos. Se sentem satisfeitos criando fantasias eróticas. Esses podem ser um bom alvo, mas são muito difíceis de conquistar e, quando conquistados, não se submetem muito facilmente.

E, finalmente, Sérios. "Os que não dão muita importância, ou fingem não dar, à presença de uma mulher bonita. Esses são os fiéis convictos". Eles são um ótimo alvo. Se forem conquistados transformam-se em companheiros apaixonados e com um pouco de habilidade pode-se arrancar qualquer coisa deles.

Durante os primeiros meses de trabalho, Virgínia teve que enfrentar inúmeras cantadas. Muitos foram os que se aproximaram dela para pegarem seu braço, alisarem suas costas, dizerem coisinhas à meia voz, próximo de seus ouvidos. Soube se livrar de todos esses assédios com firmeza e habilidade. Com o passar do tempo, de tanto serem rejeitados, os garanhões acostumaram-se a conviver com a presença dela sem tentarem assediá-la. No entanto não deixavam de admirá-la com olhares cheios de desejo, depois que passava por eles num andar extremamente provocante e sensual que, praticado desde a juventude, tornara-se algo próprio dela.

Para os colegas de trabalho, que haviam descoberto que ela vivia só, sem marido, namorado, ou qualquer outro tipo de companhia masculina, Virgínia era uma incógnita. Jovem, bonita e inteligente, capaz de seduzir qualquer um que ela achasse conveniente e, no entanto, parecia não se interessar por ninguém. Os homens pensavam que ela deveria ter alguma desilusão amorosa muito grande ou, talvez, um trauma, alguma coisa como ter sido estuprada quando pequena, ou molestada pelo pai. As mulheres trocavam cochichos sobre a possibilidade de ela ser lésbica, enfim, houve um período de fofocas que, com o passar do tempo, foi se acalmando até se extinguir por completo.

Quando toda essa onda serenou, Virgínia partiu para o ataque. Já haviam passado mais de seis meses desde a sua admissão, precisava escolher o seu alvo e trabalhar no sentido de atingi-lo com a máxima precisão. Sua intuição apontava para Humberto. Foi o único que não mostrou entusiasmo pela presença dela. Examinou, embora muito discretamente, a sua performance plástica somente uma ou duas vezes no primeiro dia em que a viu, depois se tornou extremamente discreto e a tratava profissionalmente e com muita seriedade. Tudo indicava que ele era do tipo “Sério”.

Começou um trabalho de investigação. A posição de sua mesa em relação à dele era muito favorável, quando percebia que ele estava operando suas contas bancárias, via Internet, bastava levantar-se de sua cadeira, dar uma passada por trás dele e lançar um rápido olhar para a tela. Pronto. Capturava a imagem e com ela, assim memorizada, ia para o sanitário. Lá, de olhos fechados, conseguia ler o que estava gravado na memória. Dessa forma tomou conhecimento dos saldos de suas duas contas correntes, algumas contas poupanças e carteiras de investimentos. Pode verificar que haviam depósitos variados além dos correspondentes aos salários e comissões, que imaginou serem recebimento de alugueis de imóveis. Pode se inteirar do valor do salário dele e ficou satisfeita com as informações que conseguira obter. Era o tipo certo.

No dia em que resolveu dar início ao seu plano de ataque, aproveitou uma oportunidade em que precisava falar com ele sobre um trabalho que estava fazendo. Borrifou perfume na palma da mão esquerda e friccionando as mãos e parte dos braços, um pouco acima do pulso, espalhando o perfume, levou sua cadeira para próximo dele e sentou-se, colocando sobre a mesa um maço de documentos.

— Faz muito tempo que você trabalha na Global? — Perguntou ela.

— Faz. Eu estou aqui desde quando esta empresa ocupava somente duas salas num prédio da Rua Boa Vista. Isso foi há quase 15 anos.

— Quinze anos? — Perguntou ela, demonstrando surpresa — mas é muito tempo para se ficar num emprego. Acho que para se evoluir profissionalmente é preciso trocar de emprego, ter novas experiências.

— É. Até certo ponto você tem razão. Mas, esta é uma empresa que, ao longo do tempo, mudou muito, evoluiu. Quando fui contratado ela estava começando. Naquele tempo fazíamos somente organização e métodos, depois acompanhando a evolução tecnológica

fomos incluindo o resto, até chegar nisso que você vê hoje. Para mim não houve necessidade de trocar de emprego para evoluir profissionalmente. O ritmo de crescimento da empresa me obrigou a fazer Pós-graduação, cursos de especialização e até MBA. É por isso que ainda estou aqui, senão, já teriam contratado alguém mais capacitado para fazer o que faço.

— Você sempre ocupou cargo de confiança, quero dizer, desde o início?

Ela falava olhando diretamente nos olhos de Humberto e dava, à voz, uma entonação suave, quase carinhosa.

— Cargo de confiança! — Exclamou ele pausadamente, desviando o olhar para fugir dos olhos dela, que o deixaram ligeiramente perturbado. — Você precisa saber que, nesta empresa, todos os cargos são considerados "de confiança" — ele frisou bem essa expressão —, mesmo os mais simples, como por exemplo, o pessoal da limpeza, a moça da copa, os rapazes do serviço de cópias, ou qualquer outro que faça o que se costuma chamar de serviço auxiliar. Cada uma dessas funções é de extrema importância no organismo da empresa e... Você deve saber tudo sobre isso, pois consta do programa de integração dos funcionários novos — disse ele intrigado com o fato de logo ela, que não esquecia nada, estar fazendo perguntas sobre um assunto que foi tratado há tão pouco tempo.

Ela pôs a mão sobre o braço dele, simulando um gesto distraído.

— É verdade, que bobagem a minha. Inclusive sei que qualquer funcionário pode criar clientes novos e os contratos que resultem dessas contribuições são premiados com uma comissão especial. Sei, também, que todos os funcionários têm uma participação nos lucros da empresa e quando comprovado um aumento de eficiência há uma bonificação extra — enquanto dizia isso continuava com a mão sobre

o braço dele e ia marcando o ritmo das palavras com leves batidas da mão. — Viu como eu prestei bastante atenção à aula? — Disse ela sorrindo amável, procurando capturar o olhar dele e fazendo uma pressão maior, com a mão, no braço.

Discretamente ele se desvencilhou do toque dela, e pegou alguns papéis que deveriam ser examinados e faziam parte do trabalho que deveriam estar tratando. Ela recolheu as armas e se concentrou no assunto que passaram a enfocar.

Depois que Virgínia retornou para sua mesa, Humberto voltou-se para o computador. Teve a sensação de que o perfume dela permanecia ali, em volta dele, até girou a cadeira para ver se ela não estava, em pé, atrás dele. Não estava. Continuou a trabalhar e, como a presença do perfume insistia em se fazer evidente, lembrou-se de cheirar seu braço, no local onde ela havia segurado. Estava impregnado do perfume dela. Saiu da mesa e encaminhou-se para o sanitário.

Virginia observava tudo disfarçadamente e pode adivinhar o que estava se passando na cabeça dele. — "Pronto! Está beliscando a isca" — pensou ela quando percebeu que ele estava indo para o sanitário. — "Vamos marcar território".

Ela foi até a mesa dele e, simulando verificar alguma coisa nos documentos que deixara com ele, manuseou bem os papéis, o mouse e a parte de cima do encosto da cadeira, deixando em todos esses lugares a marca da sua presença, na forma de perfume.

Para o primeiro dia era o suficiente, não atacaria mais. Tampouco o faria nos próximos dois dias. Criar um clima de mistério, essa era a fórmula correta.